



## **GÊNERO E RELIGIÃO: MECANISMOS DE CONTROLE E RESISTÊNCIA COM ENFOQUE SOBRE DIVINDADES E FIGURAS FEMININAS**

Gender and religion: control and resistance mechanisms with a focus on deities and female figures

**Victória Pedrazzi<sup>1</sup>**

**Sheila Cibele Kruger Carvalho<sup>2</sup>**

**Aline Maroneze<sup>3</sup>**

**Resumo:** O presente trabalho tem como objetivo abordar estudos vinculados às religiões que possuem dogmas e crenças como ferramentas de censura às mulheres, restrição da autonomia de seus corpos, sexualidade e liberdade de expressão em sua totalidade. Busca evidenciar como, antigamente, os aspectos vinculados ao feminino, à beleza e à sabedoria eram sinônimo de sagrado e divino, e como, ao longo do tempo, essas características foram sendo estigmatizadas como profanas e impuras. Objetiva também utilizar e levar em consideração algumas imagens, figuras e divindades femininas, de diversas crenças e religiões, como Lilith, Medusa, Baba Yaga, Pomba Gira e como suas histórias, mitos e cultos servem para análise da temática sobre estereótipos e rótulos sobre gênero dentro das religiões.

**Palavras-chave:** Gênero. Religião. Feminino. Divindades.

**Abstract:** The present work aims to address studies related to religions that have dogmas and think as tools to censor women, restrict the autonomy of their bodies, sexuality and freedom of expression in their entirety. It seeks to highlight how, in the past, the aspects guaranteed to the feminine, beauty and wisdom were synonymous with sacred and divine, and how, over time, these characteristics were stigmatized as profane and impure. It also aims to use and take into consideration some female images, figures and revelations, from different trends and

<sup>1</sup> Mestranda em Direitos Humanos no Programa de Pós-graduação em Direito da UNIJUÍ. Bolsista CAPES. Integrante do Grupo de Pesquisa Biopolítica e Direitos Humanos. Ijuí, Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: pedrazzivictoria@gmail.com

<sup>2</sup> Mestranda em Direitos Humanos no Programa de Pós-graduação em Direito da UNIJUÍ. Bolsista PROCUS-CAPES. Integrante do Grupo de Pesquisa Biopolítica e Direitos Humanos. Ijuí, Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: sheila.carvalho@sou.unijui.edu.br

<sup>3</sup> Mestra em Desenvolvimento e Políticas Públicas pelo PPGDPP, da Universidade Federal da Fronteira Sul, UFFS – Campus Cerro Largo/RS. Mestra em Direito pelo Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Direito, Campus de Santo Ângelo/RS. Doutoranda em Direitos Humanos pela Unijuí. Bolsista CAPES/PDPG. E-mail: aline\_maroneze@yahoo.com.br



religions, such as Lilith, Medusa, Baba Yaga, Pomba Gira and how their stories, myths and cults serve to analyze the theme of gender stereotypes and labels. within religions.

**Keywords:** Gender. Religion. Feminine. Deities.

## INTRODUÇÃO

Nem sempre a sociedade foi estruturada a partir da perspectiva masculina. As desigualdades não existem desde sempre, elas foram sendo construídas e reforçadas ao longo do tempo. O “ser” mulher é uma construção que se dá sob vários vieses, dentre eles o cultural, o político e o religioso. Este artigo busca dar maior ênfase para o religioso, e sua interferência na relação com o feminino e seus estereótipos.

O controle das mulheres ocorre de muitas formas, perpassa pelo simbólico e recai sobre os seus corpos e sua sexualidade, já que a sociedade patriarcal encontra formas de marcar e estigmatizar o feminino, inclusive através da fé. Nesse sentido, busca-se abordar a temática sob a perspectiva dos mecanismos de controle impostos e disseminados pelo patriarcado sobre as mulheres. Além disso, busca evidenciar algumas figuras que corroboram para a análise de que a mulher, as deusas, as divindades que não eram catalogadas como certas e puras, eram na verdade colocadas em estigmas de más e pecadores, e até mesmo invisibilizadas no decorrer da história.

O presente trabalho será dividido em três partes sendo a primeira com enfoque no patriarcado e nos estigmas de gênero. A segunda parte com atenção maior ao mito de Adão e Eva e por fim, no tópico três será abordado outras figuras, de culturas e religiões diversas a fim de corroborar com a discussão em destaque.

A metodologia utilizada no presente artigo consiste em pesquisas que serão realizadas por meio de leituras, a partir de livros, sites, artigos e fontes eletrônicas que tratam sobre o tema pesquisado. Analisar as ideias de alguns pensadores e escritores sobre o tema relacionado aos direitos humanos e educação. A pesquisa será exploratória, utilizando-se de fontes bibliográficas físicas e virtuais, realizadas através de abordagens hipotético-dedutivas. Será observada a seleção de bibliografia em



relação à temática que se pretende estudar, cuja função é a elaboração de um referencial teórico sobre o tema, respondendo ao problema que o trabalho propõe, colaborando com a hipótese e atingindo o objetivo da pesquisa e a reflexão crítica acerca do material.

## DISCUSSÃO

### Patriarcado e os estigmas de gênero

O patriarcado tem sido uma forma de gerir a vida social, desde a economia até a religião, perpassando pela cultura e também pela política. Alguns autores como Manuel Castells<sup>4</sup> afirmam que o patriarcado é um estruturante da nossa sociedade, ao afirmar isso, percebe-se que patriarcado é muito mais que a opressão dos homens sobre as mulheres, embora essa também seja uma premissa patriarcal, mas trata-se de uma ideologia que conduz e orienta as atitudes, os papéis sociais, a sexualidade, a cultura e a religião das pessoas.

O patriarcado, de acordo com o entendimento de Saffioti<sup>5</sup>, se parece com uma máquina que funciona sem parar, quase que de forma automática. Ao afirmar isso, a autora busca igualar percepções, muito embora o patriarcado se transforme, a depender do lugar e da cultura, ganhando mais ou menos força:

Patriarcado exprime, de uma só vez, o que é expresso nos outros termos, além de trazer estampada, de forma muito clara, a força da instituição, ou seja, de uma máquina bem azeitada que opera sem cessar e, abrindo mão de muito rigor, quase automaticamente.<sup>6</sup>

<sup>4</sup> CASTELLS, Manuel. **O Poder da Identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

<sup>5</sup> SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. Gênero e Patriarcado. *In*: CASTILLO-MARTÍN, Márcia; OLIVEIRA, Sueli de (org.). **Marcadas a Ferro**. Violência contra a Mulher. Uma Visão Multidisciplinar. Brasília: Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, 2005. p. 35-76.

<sup>6</sup> SAFFIOTI, 2005, p. 38.



Sobre os papéis de gênero, Saffioti<sup>7</sup> pondera que as mulheres “são socializadas para desenvolver comportamentos dóceis, cordatos, apaziguadores. Os homens, ao contrário, são estimulados a desenvolver condutas agressivas, perigosas, que revelem força e coragem.” Às mulheres é ensinado desde a forma correta como uma mulher deve falar, à conduta de comportamento e ao modo de vestir, classificando as mulheres como decentes ou indecentes, de acordo com as regras que seguem. Pierre Bourdieu<sup>8</sup>, assevera sobre os códigos de condutas impostos aos homens e às mulheres, o que ele chama de “princípios fundamentais da arte de viver feminina, da boa conduta, inseparavelmente corporal e moral, aprendendo a vestir e a usar diferentes vestimentas [...].”

Nesse sentido, às imposições de um modo único do “ser mulher” acaba forjando identidades estereotipadas para as mulheres, sendo que todas aquelas que não se enquadrarem nos princípios fundamentais, de que fala Bourdieu<sup>9</sup>, são relegadas a uma condição de exclusão, discriminação e preconceito. Destoar do que é socialmente esperado é ser rejeitado e condenado a uma vida de não pertencimento.

A forma de vestir muda conforme a menina vai se tornando mulher. Também acaba por criar e reforçar estereótipos para as mulheres, porque essas roupas: “correspondem a seus diferentes estados sucessivos, menina, virgem núbil, esposa, mãe de família [...].”<sup>10</sup>. Ao impor às mulheres as formas adequadas de se vestirem, o patriarcado cria estereótipos até mesmo de preconceito e de violência.

Ainda, Pierre Bourdieu<sup>11</sup> chama atenção para o fato de as pessoas serem condicionadas a naturalizar a dominação dos homens sobre as mulheres, e a aceitar os papéis sociais de forma pacífica, acreditando fazer parte da natureza humana.

<sup>7</sup> SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **Gênero, Patriarcado, Violência**. 2. ed. [S.l.]: Expressão Popular; Fundação Perseu Abramo, 2015. p. 37.

<sup>8</sup> BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina: a condição feminina e a violência simbólica**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014. p. 51.

<sup>9</sup> BOURDIEU, 2014.

<sup>10</sup> BOURDIEU, 2014, p. 51.

<sup>11</sup> BOURDIEU, 2014.



Sobre tal afirmação, Bourdieu<sup>12</sup>, assevera que, “a divisão entre os sexos parece estar na ‘ordem das coisas’, como se diz por vezes para falar do que é normal, natural, a ponto de ser inevitável.” A ideia passada pelo patriarcado é a de que a mulher foi criada para ser companheira do homem. O fato de ter sido criada da costela de Adão reforça, de maneira muito simbólica, a inferioridade feminina, estabelecendo estereótipos de submissão e incapacidade, já que, por ter sido criada a partir do homem, ela estaria destinada a servi-lo.

Não é possível precisar se existe uma causa determinante do início da desigualdade entre homens e mulheres, uma vez que essas causas são múltiplas, atravessam uma série de questões, dentre elas, políticas, religiosas, culturais, econômicas, dentre outras. Contudo, Anne-Marie Pessis e Gabriela Martín vão afirmar que essa desigualdade parece se estabelecer e se sustentar em dois pontos principais:

A desigualdade de gênero parece se estruturar em torno de dois fatores originais que condicionarão, ideologicamente, essa forma de organização social da espécie humana. São estes os controles da informação técnica, ou seja, o conhecimento, e a solidariedade masculina na apropriação e gestão dessa informação teleonômica.<sup>13</sup>

Outro ponto que remonta à desigualdade entre homens e mulheres também ganha aspecto de cunho religioso, substituindo o culto à deusa pela adoração de um deus masculino e monoteísta:

As mudanças religiosas de substituição da deusa por um deus monoteísta aprofundaram as relações de dominação. O cristianismo, como uma religião patriarcal baseada na trindade masculina Pai, Filho e Espírito Santo aprofundou ainda mais a dominação masculina, proibindo o culto à deusas e

<sup>12</sup> BOURDIEU, 2014, p. 21.

<sup>13</sup> PESSIS, Anne-Marie; MARTÍN, Gabriela. Das Origens da Desigualdade de Gênero. *In*: CASTILLO-MARTÍN, Márcia; OLIVEIRA, Sueli de (org.). **Marcadas a Ferro**. Violência contra a Mulher. Uma Visão Multidisciplinar. Brasília: Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, 2005. p. 17-22. p. 18.



afastando a sociedade ocidental do culto à natureza, desenvolvido até então pelas religiões pagãs.<sup>14</sup>

Os discursos religiosos, assim como a própria Bíblia, reafirmavam a condição de inferioridade da mulher, conforme pode ser visto pela passagem bíblica do livro de Gênesis, que conta como a mulher foi criada: “Então o Senhor Deus fez cair um sono pesado sobre Adão e este adormeceu. E tomou uma das suas costelas, e cerrou a carne em seu lugar. E da costela que o Senhor Deus tomou do homem formou uma mulher e trouxe-a a Adão.”<sup>15</sup>

Com a criação do mito do pecado original sob a responsabilidade de uma mulher — já que a mulher, na figura de Eva, foi a responsável por desobedecer às ordens de Deus, criar o pecado e ainda levar Adão a pecar também —, surge, portanto, o arquétipo da mulher desobediente, pecadora e que, por conta disso, merece ser punida. Eva foi punida, e todos foram expulsos do Paraíso. Com a figura dessa mulher desobediente, surge a necessidade de controlá-la, e esse controle também ocorreu sobre seu corpo: “os corpos das mulheres foram sendo ‘domesticados’ e/ou ‘encarcerados’ e, resultando os mais variados tipos de violência, com uma característica em comum: a força de relações patriarcais de poder sustentadas por aspectos culturais, religiosos e jurídicos.”<sup>16</sup>

Interpretações da Bíblia costumam criar polarizações, como o conceito de bem e mal, certo e errado, pecado e perfeição. Sobre isso: ‘Nas leituras religiosas cristãs conservadoras, as mulheres podem se enquadrar em duas figuras bem distintas: Eva, a pecadora, ou Maria, a mulher submissa, pura e obediente.’<sup>17</sup>

Percebe-se, que o mito de Eva criou uma espécie de imagem arquetípica referente à mulher. Quando se fala da figura de Eva, a primeira imagem corresponde

<sup>14</sup> ANGELIN, Rosângela; GIMENEZ, Charlise Paula Colet. O conflito entre direitos humanos, cultura e religião sob a perspectiva do estupro contra mulheres no Brasil. **Revista Direito em Debate**, Ijuí, ano 26, n. 47, p. 242-266, jan./jun. 2017. p. 56.

<sup>15</sup> Gênesis 2, 20-24.

<sup>16</sup> ANGELIN; GIMENEZ, 2017, p. 246.

<sup>17</sup> ANGELIN; GIMENEZ, 2017, p. 249.



à transgressora, pecadora, desobediente e responsável pela expulsão dela e do marido do paraíso. É por meio dos discursos religiosos que se constroem identidades, e fica perceptível o quanto a figura transgressora de Eva atinge e impacta a vida das mulheres ainda hoje. Dessa forma, adiante será dedicada mais atenção para o estudo do mito da criação e sua influência na desconstrução da divindade feminina, bem como a influência disso com o reforço do patriarcado e a ideia de submissão das mulheres aos homens.

### **O mito de Adão e Eva e o apagamento da Divindade feminina**

Neste sentido, Stone<sup>18</sup>, motivada por entender a imagem da mulher apresentada pelo cristianismo e pelo judaísmo, especialmente na figura bíblica de Eva, dedicou cerca de dez anos à pesquisa arqueológica das religiões na Antiguidade. A autora conclui que o mito de Adão e Eva, que, segundo a autora, se trata sem dúvida de um conto, fora utilizado pelos levitas no afã de suprimir a religião feminina existente até então, contribuindo de forma visceral para uma mudança de paradigma de um mundo antes matrilinear, no qual a Divindade era feminina, para o mundo patriarcal comandado por um deus homem, como conhecemos hoje.

Stone<sup>19</sup> coloca que há inúmeros registros do aparecimento da serpente com A Deusa, em associação com profecia e revelação divina. Assim, é provável que não tenha sido coincidência o fato de que, no conto de Adão e Eva, tenha sido uma serpente a oferecer conselho a Eva.

O relacionamento entre a mulher e a serpente se mostra um fator importante, pois o Velho Testamento relata que a deidade masculina falou diretamente com a serpente, dizendo: 'Eu vou pôr inimizade entre você e a mulher e entre a sua semente e a semente dela.' Desse modo, as sacerdotisas oraculares, as profetisas cujos conselhos tinham sido identificados com o simbolismo e uso da serpente por vários milênios, passaram a ser vistas como responsáveis pela queda de toda espécie humana. A mulher, como consultora sagaz e sábia conselheira, intérprete humana do divino desejo da Deusa, não era mais respeitada, mas odiada, temida, ou na melhor das

<sup>18</sup> STONE, Merlin. **Quando Deus era mulher**. São Paulo: Gaya, 2022.

<sup>19</sup> STONE, 2022.



hipóteses, contestada ou ignorada, Essa demanda pelo silêncio das mulheres, especialmente nas igrejas, se reflete mais tarde nas passagens de Paulo no Novo Testamento. Segundo a teologia judaico e cristã, o juízo da mulher tinha levado ao desastre todo o futuro do ser humano.<sup>20</sup>

Após ouvir a serpente e aceitar comer do fruto proibido, aquele que traria conhecimento sobre o bem e o mal, a mulher compartilhou seu pecado com o homem. A imagem sexualmente tentadora e sedutora de Eva, segundo Stone<sup>21</sup>, tinha a intenção de advertir os homens hebreus a ficarem longe das mulheres sagradas do templo, cuja sexualidade poderia gerar a descendência matrilinear da religião existente anteriormente. Por tal pecado, a mulher deveria ser punida, como decretou a deidade masculina: “Multiplicarei grandemente o seu sofrimento na gravidez; com sofrimento você dará à luz filhos. Seu desejo será para seu marido, e ele a dominará.”<sup>22</sup>

O mito de Adão e Eva certamente explica em parte o status das mulheres no mundo hoje. Durante séculos, todas as sociedades que seguem o cristianismo, o judaísmo ou o islamismo foram educadas a respeito de uma deidade masculina, que criou o universo e criou o homem à sua imagem e semelhança e depois decidiu criar a mulher, apenas para que lhe fosse ajudadora. Essa mesma mulher ainda foi a responsável por dar ouvidos à serpente, desobedecendo as ordens da deidade masculina e comendo do fruto que dava acesso ao conhecimento do bem e do mal, evento que determina diretamente o papel da mulher na sociedade atual, como responsável pela queda “do homem” e expulsão do paraíso.

Os escritos do Velho Testamento da Bíblia aparentemente remetem a um passado longínquo que, segundo o conhecimento popular, conta o início da história da humanidade. Entretanto, esse passado ancestral não está tão distante ou tão remoto quanto é ensinado pelas culturas judaico-islâmica-cristã. Na pré-história existiram religiões que reverenciavam uma deidade feminina<sup>23</sup>.

<sup>20</sup> STONE, 2022, p. 249.

<sup>21</sup> STONE, 2022.

<sup>22</sup> STONE, 2022, p. 250.

<sup>23</sup> STONE, 2022.





A Grande Deusa – a Divina Ancestral – foi adorada desde o começo do Neolítico, de 7.000 a.C. até o fechamento dos últimos templos da Deusa, cerca de 500 d.C. Alguns especialistas entendem que os templos de adoração à Deusa se estendem até a Alta Idade Paleolítica, cerca de 25.000 a.C. No entanto, eventos da Bíblia, que em geral são descritos como ocorridos ‘nos primórdios’, de fato ocorreram em períodos históricos. Muitos estudiosos da Bíblia estimam que Abraão, primeiro profeta do deus hebreu-cristão lavé, mais conhecido como Jeová, não viveu antes de 1.800 a.C., e possivelmente após 1.500 a.C.<sup>24</sup>

Para Stone<sup>25</sup>, os autores das Escrituras judaico-cristãs parecem ter escondido propositalmente a identidade sexual das deidades femininas adoradas pelos vizinhos dos hebreus em Canaã (na Babilônia e Egito), já que o Velho Testamento não se refere à palavra “Deusa”. Porém, no Corão dos maometanos, fica óbvio que deidades femininas eram adoradas: “Allah não tolera idolatria [...] as orações pagãs a mulheres”.

Assim como ocorreu nas Escrituras Sagradas judaico-cristãs, a predominância de eruditos do sexo masculino nos estudos arqueológicos e históricos da religião antiga conferiu interpretações, julgamentos, teorias e conclusões sexistas nas histórias das deidades. É o caso do que acontece no caso do uso da palavra “culto”. Enquanto as referências aos rituais judaico-cristãos sempre foram respeitosa e referidas pelos estudiosos como “religião”, as (poucas) referências à rituais femininos são chamados de “cultos”<sup>26</sup>.

A natureza sexual da Divindade feminina, que é ligada à sacralidade da mesma, também é interpretada sob as lentes da moral patriarcal, como “cultos pagãos”, e as mulheres sagradas e consagradas nestas religiões, como “prostitutas ritualísticas”. A divindade feminina também não foi aceita como guerreira, ou caçadora, quando os espólios encontrados em túmulos de mulheres automaticamente não foram considerados troféus de guerra, apenas por estarem em túmulo de uma mulher<sup>27</sup>.

---

<sup>24</sup> STONE, 2022, p. 16.

<sup>25</sup> STONE, 2022, p. 19.

<sup>26</sup> STONE, 2022, p. 21.

<sup>27</sup> STONE, 2022, p. 22.



Stone<sup>28</sup> questiona o motivo pelo qual a Grécia clássica é considerada a primeira cultura de maior relevância, quando existem indícios de uso de linguagem escrita e construção de grandes cidades cerca de vinte e cinco séculos antes. Nestas culturas, as religiões todas eram consideradas “pagãs” quando a deidade adorada era feminina. Segundo a autora<sup>29</sup>, “há confirmação histórica de que o desenvolvimento inicial de leis, governo, medicina, agricultura, arquitetura, metalurgia, veículos com rodas, cerâmica, tecelagem e a linguagem escrita se deu nas sociedades que adoravam a Deusa.”

Também existem teorias sobre a adoração à Deusa já no Paleolítico. Stone<sup>30</sup> cita que para alguns antropólogos, nos primeiros estágios do desenvolvimento do homem, quando ainda não se conhecia o segredo da fecundidade humana e o coito não era associado ao parto, só as mulheres conseguiam produzir sua própria espécie e a participação do homem nesse processo ainda não era conhecida. Nestas sociedades matrilineares do paleolítico superior, a adoração aos ancestrais era aparentemente a base do ritual sagrado, e os registros de ancestralidade reconheciam apenas a linhagem materna.

Assim, antes do “começo de tudo” contado pelo conto de Adão e Eva, existiram muitos milênios de uma sociedade matrilinear que adorava a divindade feminina. Sem o pecado de Eva que causou a queda da humanidade, não teria sido possível a ascensão do patriarcado, e da patrilinearidade, através do controle da sexualidade feminina. A cultura hebraico-cristã deu continuidade à semente de misoginia plantada no Éden. Até os dias de hoje, os homens hebreus oferecem na oração diária: “Bendito seja o Senhor nosso Deus, Rei do Universo, que não me fez mulher”. Maomé disse: “Quando Eva foi criada, Satanás regozijou”<sup>31</sup>.

---

<sup>28</sup> STONE, 2022.

<sup>29</sup> STONE, 2022.

<sup>30</sup> STONE, 2022.

<sup>31</sup> STONE, 2022.



O apóstolo Paulo, nas suas cartas aos Efésios e aos Coríntios cuidou especificamente de manter a estrutura social apresentada pelo mito de Adão e Eva, lembrando que o marido é o “cabeça” da mulher<sup>32</sup>, proibindo a mulher de falar na igreja, determinando que usasse véu para cobrir seu rosto<sup>33</sup>. A Timóteo, escreve que quem foi enganada pela serpente foi Eva, e não Adão e que por isso tornou-se transgressora<sup>34</sup>. O apóstolo Pedro lembrou que a mulher deve estar sujeita ao seu marido<sup>35</sup>.

Posteriormente, Santo Agostinho dizia que o homem, e não a mulher, foi feito à imagem e semelhança de Deus, e que, portanto, o homem é completo, enquanto a mulher sem o homem, não encontra completude. Martinho Lutero diz em seus escritos que é natural a posição de inferioridade da mulher em relação ao homem. O reformista João Calvino declarou que a igualdade política das mulheres e dos homens seria um “desvio da ordem original e correta da natureza”<sup>36</sup>. Não à toa,

Dra Margaret Murray sugere, em vários de seus livros, que a caça às bruxas no mundo ocidental era na verdade uma continuação da supressão das antigas religiões ‘pagãs’. Já que as mulheres eram o alvo e as vítimas principais desses brutais massacres, e tantas acusações eram de algum modo ligadas a sexo, esta é certamente uma possibilidade.<sup>37</sup>

Em *A Cauldron of Witches*, Clifford Alderman fala que a história de Eva foi utilizada para justificar o assassinato de muitas mulheres que desafiaram a igreja. Durante todo o período de implantação das religiões masculinas (muitos dos quais descritos através de invasões na Bíblia), as mulheres foram submetidas a um papel muito diferente do que o que tinham nas sociedades matrilineares<sup>38</sup>. Nesse sentido:

Na própria estrutura das religiões masculinas contemporâneas estão as leis e as atitudes originalmente designadas para aniquilar as religiões femininas,

<sup>32</sup> Efésios 5:23.

<sup>33</sup> I Coríntios 11: 3,7,9.

<sup>34</sup> I Timóteo 2:11,14.

<sup>35</sup> Pedro 3:1.

<sup>36</sup> STONE, 2022.

<sup>37</sup> STONE, 2022, p. 255.

<sup>38</sup> STONE, 2022.



a autonomia sexual feminina e a descendência matrilinear. Esses são os preceitos que muitos pais e avós aceitaram como a palavra sagrada e divina de Deus, tornando-os uma parte tão inerente da vida em família que hoje afetam até aqueles de nós que vivem afastados de missas e sacramentos das religiões organizadas. É tempo de examinar e questionar quão profundamente essas atitudes foram assimiladas pelas mais seculares esferas da sociedade atual, permanecendo de modo insistente como vestígios opressivos de uma cultura outrora permeada e controlada pela palavra da Igreja.<sup>39</sup>

É necessário tomar consciência sobre as origens histórica e política da Bíblia, e sobre o papel que esta teologia teve na vida das mulheres ao longo dos séculos. Somente com a compreensão da verdadeira história das divindades é que as mulheres poderão se enxergar como seres humanos autodeterminados, maduros, independentes e potentes. A história de Eva não é a história das mulheres<sup>40</sup>.

### **Arquétipos, mitos, deusas e divindades femininas**

Como já citado anteriormente, todas as formas de opressão às figuras femininas ao longo do período histórico, possuem motivos reguladores muito bem estruturados de como a sociedade patriarcal se apresenta. Beauvoir afirma:

‘Os homens fazem os deuses; as mulheres adoram-nos’, diz Frazer. São eles que decidem se as divindades supremas devem ser femininas ou masculinas. O lugar da mulher na sociedade é sempre eles que estabelecem. Em nenhuma época ela impôs sua própria lei.<sup>41</sup>

Segundo a autora Ana Luísa Alves Cordeiro<sup>42</sup>, “a reconstrução e a apropriação da memória e do imaginário feminino da divindade, como forma não só de poder, mas de possibilidade de significação para a vida, são mais aspectos no fortalecimento das mulheres nas suas vivências e lutas diárias”. Ainda,

<sup>39</sup> STONE, 2022, p. 256.

<sup>40</sup> STONE, 2022, p. 27.

<sup>41</sup> BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Fatos e mitos. 4. ed. Trad. Sérgio Milliet. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970. p. 97-98.

<sup>42</sup> CORDEIRO, Ana Luisa Alves. **Onde estão as Deusas?** Asherah, a Deusa proibida, nas linhas e entrelinhas da Bíblia. São Leopoldo: CEBl, 2011. p. 19-20.



Quando algumas religiões enfatizam uma única imagem do sagrado, predominantemente masculina, não só podem estar justificando como também possibilitando relações de gênero desequilibradas, supervalorizando o masculino como único caminho de se viver o sagrado. Reconstruir a presença da Deusa é, portanto, falar de mulheres, de seus corpos, de seus sonhos, de seus ciclos, de seus sangues, de suas lutas, enfim, de tudo o que abarca o universo feminino. E isto é positivo para todos e todas.<sup>43</sup>

Esse resgate pode iniciar-se inclusive pela Bíblia, em que a autora aborda em seu estudo judaico-cristão sobre a existência da deusa Asherah, “a Deusa Proibida”, como chamou. Antes da ascensão do monoteísmo em Israel, havia um contexto politeísta, formado por Deuses e Deusas, do qual Javé (único Deus, teoricamente), fazia parte, sendo que provavelmente foi adorado ao lado da Deusa Asherah, formando um par divino<sup>44</sup>. Foi adorada até “ser taxada como a causa de todos os males que o povo estava sofrendo nas mãos de seus dominadores, em especial na época da dominação babilônica”.<sup>45</sup>

Em algumas passagens bíblicas pode-se observar o desejo de apagar com a cultuação à Deusa e classificar como impuro todos aqueles que direcionam sua fé a ela quando é dito: “2Rs 23,7: Demoliu as casas dos prostítuos sagrados, que estavam no Templo de Yahweh onde as mulheres teciam véus para **Aserá (asherah)**”, grifos da autora.<sup>46</sup> Nota-se que não só há a necessidade de apagamento, mas também de fazer com que se abomine a representação do que seria o “lado feminino” de Javé, aquela que se cultuava juntamente com Deus.

É necessário o resgate dessas mulheres, o resgate de seus cultos, a aprimoração do lugar dessas mulheres que simboliza o divino para além de apenas um Deus. A memória da Deusa, ou das Deusas, é uma memória da realidade dos corpos das mulheres.<sup>47</sup> As imagens dessas figuras podem se apresentar de várias

<sup>43</sup> CORDEIRO, 2011, p. 20.

<sup>44</sup> CORDEIRO, 2011, p. 22.

<sup>45</sup> CORDEIRO, 2011, p. 42.

<sup>46</sup> CORDEIRO, 2011, p. 45.

<sup>47</sup> CORDEIRO, 2011, p. 66.



formas, desde que exista esse imaginário feminino de representatividade, divindade e potência. Nesse sentido,

Cada cultura retratou a Deusa de acordo com a sua própria imagem. Ela era negra na África, de cabelos loiros na Escandinávia, de rosto redondo no Japão, de olhos escuros na Índia, pois a Deusa era a essência da força e da beleza de cada uma de suas filhas, portanto Ela deveria se parecer com elas. Quando as antigas mulheres olhavam para sua Deusa, elas viam a si mesmas.<sup>48</sup>

Ainda versando sobre o cristianismo, pode-se citar a figura de Lilith. Não será possível adentrar em toda a sua história, pois seria necessário um arcabouço teórico específico para esta Deusa, no entanto, não há como não a citar. Brevemente,

Ao criar Adão, Deus também extraiu a mulher do barro para que o homem não ficasse solitário sobre a Terra; e a chamou *Lilith*, que, na língua suméria, corresponde a 'alento' [o sopro divino]. Porém, assim que os dois se juntaram, começaram a discutir, pois ela se opunha a permanecer por baixo do homem durante o ato da cópula. Aferrada à sua convicção de igualdade, Lilith exigiu de Adão que mudasse sua postura para que ela também desfrutasse o prazer do amor. Indignado, Adão se negou, alegando que era próprio do homem deitar-se sobre a mulher e afirmando que não acenderia a seus desejos. Ferida em seu orgulho, Lilith pronunciou o inefável nome de Deus e, enfurecida pela atitude do marido, abandonou-o para sempre.<sup>49</sup>

Pode ser brevemente descrita como

[...] uma prostituta voluntariosa, ou, para um juízo mais são, uma vontade poderosa que não se dobra diante da pressão masculina e prefere a transgressão à vassalagem. Lilith é ímpeto sexual, mulher emancipada e em fuga, sombra maligna por se haver considerado pé de igualdade com os homens.<sup>50</sup>

Lilith tinha que ser censurada porque seu simbolismo representava uma “ameaça” à Eva, nascida da costela de Adão, inferior por sua fragilidade, ainda que taxa como responsável pela queda do paraíso. Lilith foi a primeira transgressora de tudo que o patriarcado hoje impõe ao matrimônio, às vontades sexuais e desejo de

<sup>48</sup> CORDEIRO, 2011, p. 67.

<sup>49</sup> ROBLES, Martha. **Mulheres, Mitos e Deusas**. O feminino através dos tempos. Trad. William Lagos e Débora Dutra Vieira. 3. ed. São Paulo: Aleph, 2019. p. 36.

<sup>50</sup> ROBLES, 2019, p. 35.



independência das mulheres. Lilith reivindicou que a mulher veio “do mesmo barro” que Adão e por isso, possuía os mesmos direitos.

Outras figuras que podem ser citadas são as Górgonas, fruto da mitologia grega, são “feitas de luz e de trevas, belas ou horrendas, aguerridas, insidiosas, sensuais, feiticeiras, amáveis, piedosas ou batalhadoras”<sup>51</sup>. A mais famosa delas, Medusa, possui uma história de violência atravessada pelo que hoje chama-se de cultura do estupro e rivalidade feminina. Na antiguidade,

com as narrativas de Ovídio, Medusa é descrita como a mais bela das três irmãs, foi estuprada no templo de Atena por Poseidon, seus longos e belos cabelos foram transformados em cobras, seus olhos sedutores petrificavam aqueles que os admirassem, como punição conferida pela própria deusa Atena. Medusa se torna, na pena do poeta latino, uma vítima, no mínimo, triplamente supliciada: pela violação do deus Poseidon, pelo injusto castigo imputado por Atena e pelo assassinato cometido por Perseu por motivos fúteis e ignóbeis.<sup>52</sup>

Medusa era retratada primeiramente como um ser monstruoso e, posteriormente, como uma figura bela e com traços humanos femininos e sensuais. Assim,

[...] a representação da Medusa com uma natureza monstruosa se relaciona à subjugação da mulher pela definição da sua essência a partir de uma concepção imutável e inferiorizada da sua natureza. A natureza da Medusa é a do monstro em oposição à natureza humana; Medusa não é humana, ela é de outro reino, do reino das criaturas grotescas e repugnantes. Não é exagero dizer que a essência feminina ou a natureza das mulheres foi vista várias vezes como de outro reino, de um tipo diferente da natureza dos homens.<sup>53</sup>

Percebe-se o conjunto de violências, somatizados à estigmas de que a mulher é quem deve ser castigada e culpabilizada quando ela mesma é vítima, ou ainda, simplesmente por ser o “outro” em comparação com o homem, e por isso, de natureza

<sup>51</sup> ROBLES, 2019, p. 87.

<sup>52</sup> HILGERT, Luiza Helena. O arcaico do contemporâneo: Medusa e o Mito da mulher. **Lampião**, [S.l.], v. 1, n. 1, p. 41-70, 2020. p. 47. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/347958454\\_O\\_arcaico\\_do\\_contemporaneo\\_Medusa\\_e\\_o\\_Mito\\_da\\_mulher](https://www.researchgate.net/publication/347958454_O_arcaico_do_contemporaneo_Medusa_e_o_Mito_da_mulher). Acesso em: 20 set. 2023.

<sup>53</sup> HILGERT, 2020, p. 49-50.



diferente e menos valiosa. Perseu, esse homem que é tido como herói da história, pode ser considerado “a encarnação bem representada da mentalidade masculina e europeia de imperialismo e colonização”<sup>54</sup> e essa constituição da masculinidade se mantém até os dias de hoje, quando em muitos casos vemos o quanto mulheres precisam reviver e atestar suas situações de violência, e ainda assim, muitas vezes não são consideradas.

As bruxas são também figuras conhecidas por seus conhecimentos com ervas, sua sabedoria ancestral como Baba Yaga, retratada como uma anciã de aparência feia e velha, para desmerecer seus conhecimentos, “eram ‘curandeiras’ alquímicas e deixavam os homens maravilhados com o seu conhecimento de magia, do fogão e das ervas com que preparavam os filtros afrodisíacos, poções abortivas, alucinógenos, essências para perfumar o corpo e amuletos.”<sup>55</sup>. Eram mulheres que manuseavam instrumentos místicos que foram perseguidos com a caça às bruxas pela Igreja Católica, única e exclusivamente como forma de controlar seus corpos, seus poderes e seus conhecimentos advindos da terra e de *Pachamama*.

Não há como deixar de mencionar, em se tratando de divindades femininas, a figura da Pomba Gira, espírito cultuado pelas religiões de matrizes africanas e afro-brasileiras, simbolizada em sua maioria das vezes como prostituta e mulher que não se submeteu em vida às regras que lhe foram impostas. Pomba Gira, assim como Lilith, procurou “romper com os paradigmas sociais, culturais e religiosamente construídos para controlar as mulheres. No período do surgimento da Pomba gira no Brasil imperial, a mulher era vigiada, considerada perversa por natureza e parceira do Diabo.”<sup>56</sup>. Assim,

---

<sup>54</sup> HILGERT, 2020, p. 62.

<sup>55</sup> RIBEIRO, Maria Goretti. A bruxa no conto popular. **Revista Humanitae**, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 40–49, 2021. p. 44. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/revistahumanitae/article/view/15152>. Acesso em: 28 set. 2023.

<sup>56</sup> COSTA, Oli Santos da. **A Pombagira**: ressignificação mítica da deusa Lilith. 2015. 124 f. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2015. p. 73. Disponível em: <https://tede2.pucgoias.edu.br/bitstream/tede/781/1/OLI%20SANTOS%20DA%20COSTA.pdf>. Acesso em: 20 set. 2023.





A Pombagira, dentro das religiões afro-brasileiras, atua como uma agente libertária das mulheres, que se encontram oprimidas pelos maridos ou pela sociedade na qual se encontram inseridas. Ela irá acarretar para si o estereótipo de espírito perverso que está tentando desvirtuar as mulheres.<sup>57</sup>

Todas essas deusas, figuras e divindades femininas, além de outras tantas representam um rompimento e uma ameaça à dominação masculina por serem mulheres e espíritos livres em sua sexualidade, sensualidade e desejos, inerentes da natureza feminina. Dessa forma,

A Pombagira representa para o homem e para as convenções social, cultural e religiosamente construídas, o mesmo perigo que Lilith representou no início dos tempos, ao induzir Eva ao pecado original. E, por isso, Lilith foi demonizada. Portanto, a Pombagira como depositária dos seus atributos, irá carregar esses estigmas.<sup>58</sup>

Dessa forma, pode-se analisar o quanto as mulheres são estigmatizadas e quanto o patriarcado tenta de forma avassaladora deslegitimar essas figuras, para que então consiga adequar a submissão de mulheres até a atualidade. Todas as histórias de Deusas e mulheres possuem questões em comum como a necessidade de serem livres, independentes, teimosas e inconformadas com o local onde historicamente os homens as colocaram.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observa-se, portanto, que grande parte da história que versa sobre o feminino e sobre as deusas, visa apontar a forma como suas ações e imagens não se encaixam em padrões pré-estabelecidos socialmente, refletindo em uma tentativa de invisibilizar mulheres que foram adoradas por serem insubmissas, por terem conexões e sabedoria com a mãe-terra, por serem cultuadas igualmente ao lado de Deus, Pai, homem. Esse estereótipo se mantém até o mundo atual, que tem como base a dominação masculina seja socialmente, na política, e nas religiões.

<sup>57</sup> COSTA, 2015, p. 101.

<sup>58</sup> MENESES, 2009 *apud* COSTA, 2015, p. 101.



Figuras divinas de mulheres que expressavam sua feminilidade, sua conexão com a natureza, seus desejos, sua sexualidade de maneira livre foram, ao longo da história sendo apagadas e interpretadas como desvirtuadas e que não mereciam lugar de destaque na fé de sua religião, seja ela cristã, pagã, de origem afro, ou através de mitologias antigas. Essas figuras passaram a ser vistas como subversivas, que suscitam nas mulheres o desejo sexual que levou ao pecado original cometido por Eva. Assim como leva, no imaginário social e patriarcal, as mulheres do século XXI a ser independente e reivindicar seus direitos sexuais, seus direitos de serem livres e seus direitos sobre seus próprios corpos.

## REFERÊNCIAS

ANGELIN, Rosângela; GIMENEZ, Charlise Paula Colet. O conflito entre direitos humanos, cultura e religião sob a perspectiva do estupro contra mulheres no Brasil. **Revista Direito em Debate**, Ijuí, ano 26, n. 47, p. 242-266, jan./jun. 2017.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Fatos e mitos. 4. ed. Trad. Sérgio Milliet. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.

BÍBLIA SAGRADA. Nova tradução na linguagem de hoje. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2008.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**: a condição feminina e a violência simbólica. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.

CASTELLS, Manuel. **O Poder da Identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CORDEIRO, Ana Luisa Alves. **Onde estão as Deusas?** Asherah, a Deusa proibida, nas linhas e entrelinhas da Bíblia. São Leopoldo: CEBI, 2011.

COSTA, Oli Santos da. **A Pombagira**: ressignificação mítica da deusa Lilith. 2015. 124 f. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2015. Disponível em: <https://tede2.pucgoias.edu.br/bitstream/tede/781/1/OLI%20SANTOS%20DA%20CO STA.pdf>. Acesso em: 20 set. 2023.

VIII CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE  
**GÊNERO E RELIGIÃO**  
LIBERDADE - IDENTIDADE - CRITICIDADE



HILGERT, Luiza Helena. O arcaico do contemporâneo: Medusa e o Mito da mulher. **Lampião**, [S.l.], v. 1, n. 1, p. 41-70, 2020. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/347958454\\_O\\_arcaico\\_do\\_contemporaneo\\_Medusa\\_e\\_o\\_Mito\\_da\\_mulher](https://www.researchgate.net/publication/347958454_O_arcaico_do_contemporaneo_Medusa_e_o_Mito_da_mulher). Acesso em: 20 set. 2023.

PESSIS, Anne-Marie; MARTÍN, Gabriela. Das Origens da Desigualdade de Gênero. *In*: CASTILLO-MARTÍN, Márcia; OLIVEIRA, Sueli de (org.). **Marcadas a Ferro**. Violência contra a Mulher. Uma Visão Multidisciplinar. Brasília: Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, 2005. p. 17-22.

RIBEIRO, Maria Goretti. A bruxa no conto popular. **Revista Humanitae**, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 40–49, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/revistahumanitae/article/view/15152>. Acesso em: 28 set. 2023.

ROBLES, Martha. **Mulheres, Mitos e Deusas**. O feminino através dos tempos. Trad. William Lagos e Débora Dutra Vieira. 3. ed. São Paulo: Aleph, 2019.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. Gênero e Patriarcado. *In*: CASTILLO-MARTÍN, Márcia; OLIVEIRA, Sueli de (org.). **Marcadas a Ferro**. Violência contra a Mulher. Uma Visão Multidisciplinar. Brasília: Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, 2005. p. 35-76.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **Gênero, Patriarcado, Violência**. 2. ed. [S.l.]: Expressão Popular; Fundação Perseu Abramo, 2015.

STONE, Merlin. **Quando Deus era mulher**. São Paulo: Gaya, 2022.